

CIÊNCIA E ENGAJAMENTO: RESPONSABILIDADE SOCIAL DO PESQUISADOR *

(idéias para um debate)

Moacir Gadotti

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Quando se discute o problema da ciência e da pesquisa, costuma-se geralmente centrar a preocupação nos problemas relativos ao rigor, à linguagem e à lógica. Pouco se fala sobre o problema da responsabilidade social do pesquisador e dos condicionamentos não-científicos da pesquisa.

Sem menosprezar a **relevância científica**, gostaria de discutir a questão da **relevância social** e da implicação do sujeito na pesquisa, evitando o que ocorre hoje em cursos de Pós-Graduação, onde a pesquisa é feita, não em função de critérios de relevância, mas apenas para se obter um título.

Esse problema toca de perto aquilo que se costuma chamar de **relevância prática**, isto é, o papel da teoria na sociedade. É sabido que, em todos os campos do conhecimento, muitas pesquisas jamais ultrapassam o estágio teórico. Em muitos casos, como acontece com as teses, o número de leitores não ultrapassa a média de cinco a seis pessoas, incluindo o seu autor. Isso não significa que esses trabalhos não tenham relevância. Muitas vezes isso é consequência da má qualidade dos nossos veículos de comunicação (faltam-nos periódicos, jornais científicos etc...).

Entretanto, mesmo que esses trabalhos não sejam lidos, eles serviriam como **instrumento de aprendizagem** para o pesquisador. A tese tem, antes de mais nada, uma função, que é a de testemunhar a preparação do pesquisador, serve para discipliná-lo, levá-lo a adquirir experiência de pesquisa. Ela tem, por isso, uma função pedagógica para quem a desenvolve.

Essa **implicação do sujeito**, que realiza a pesquisa, torna a chamada objetividade nas ciências, uma abstração.

Não existe ciência sem um sujeito que a faz. É sempre um sujeito que interroga, procura, faz perguntas. Em Ciências Humanas e Filosofia, essa implicação é ainda maior porque o próprio sujeito é objeto da pesquisa. Ao falar do homem, das suas relações, o sujeito da pesquisa aca-

(*) Notas de um debate na recepção aos alunos de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em março de 1982.

ba falando de si mesmo. Só a **ciência tecnocrática** que pretende esconder o pesquisador, burocratizando o saber, torna-se um fim em si mesmo.

Em Filosofia e Ciências Humanas não me parece que alguém consiga fazer uma pesquisa, uma tese, enquanto não se apaixonar por um tema, enquanto não tiver interesse profundo por aquilo que faz. No momento em que uma tese é um castigo, uma carga a mais, ele não conseguirá pesquisar. Não há lugar para os satisfeitos na ciência; mas um grande espaço para todo aquele que se sentir insatisfeito, angustiado, inquieto, sempre em busca. Max Horkheimer dizia que "quem não consegue viver em contradição, não deve se meter a fazer filosofia". Nós poderíamos acrescentar à Horkheimer: "quem não consegue se apaixonar não se meta a pesquisar".

Evidentemente essa implicação do sujeito não é suficiente para produzir ciência, nem ciência socialmente relevante: é preciso **trabalho e método**.

Mas o que dará a **relevância social** será justamente o tema da pesquisa, e a quem interessa esse tema.

Quando a Fundação Rockefeller encomenda uma pesquisa sobre a situação da classe operária na América Latina, não é porque os grupos econômicos ligados a esse fundação desejam melhorar as condições de trabalho do trabalhador latino-americano. Pelo contrário, desejam apoderar-se de certas informações que tornem a exploração do trabalho ainda mais eficiente. A esses grupos interessa apenas a "coleta de dados", informações sobre os "recursos humanos", como é chamado o trabalhador na "teoria do capital humano".

A investigação sobre as condições de trabalho é um tema profundamente relevante, mas em outras **condições metodológicas**. O pesquisador comprometido com as classes trabalhadoras não fará as pesquisas utilizando-se do trabalhador como mero objeto, como mera **força de trabalho**, mas como gente e agente da relação sujeito-objeto na pesquisa. Nesse outro contexto a finalidade da pesquisa é outra: ampliar a resistência contra a exploração do trabalho, conscientizar, "aliviar a miséria da existência humana", como dizia Bertold Brecht. **A observação torna-se participante, a pesquisa torna-se ação.**

De 1967 para cá a política de pesquisa no Brasil tem-se orientado por princípios tecnocráticos, ligados ao fim que é a exploração do trabalho. O III-PND (Plano Nacional de Desenvolvimento), que abrange o período de 1980 a 1985, estabelece que o "objetivo final" da pesquisa científica e tecnológica é "diminuir a dependência científica e tecnológica do País" (p. 95). O regime autoritário se instaurou, de um lado para garantir a **segurança** do chamado "mundo livre" no qual o Brasil estaria incluído, e de outro, para planejar o **desenvolvimento** do País para servir

a uma classe que se apoderou do Estado. Fiel a esses compromissos, esse regime só pode estimular a pesquisa que vise ampliar o controle político da nação, apresentando o seu país como "potência", constituído por um "povo pacífico" etc.

Segundo o III PND — a linha prioritária de nação é "desenvolver e ampliar a capacidade de absorção e geração de tecnologia das empresas nacionais, dotando-as de meios para negociar adequadamente com os fornecedores externos de tecnologia, para dominar os princípios da tecnologia que utilizam e, assim assegurar seu manejo de forma completa.

Como comenta Vanya M. Sant'Anna, "se o desenvolvimento econômico foi outrora resultante do interesse particular da classe proprietária, encontra-se hoje de tal maneira aceito que passa por ser o interesse geral da sociedade."¹

A pesquisa na área das Ciências Humanas e da Filosofia nem sequer é mencionada nos planos do governo. A pesquisa que é incentivada não se baseia, portanto, em critérios de relevância social. Houve, certamente, nos últimos anos, um aumento significativo de cientistas e técnicos, mas a finalidade desse incentivo sempre foi aumentar a produtividade da empresa capitalista e jamais diminuir o grau de exploração do trabalhador. A ciência e a tecnologia visam aprimorar as forças produtivas. A preocupação maior é projetar o Brasil no plano internacional, não é com o bem-estar dos trabalhadores brasileiros.

Fazer ciência, portanto, não é um ato neutro, é **ato político**, vinculado à direção que queremos dar à sociedade. Por isso nenhuma pesquisa é neutra. A validade de uma pesquisa é menos relacionada ao rigor de sua metodologia do que à sua relevância social. Como diz Rubem Alves, "pensa-se produzir conhecimento metodologicamente rigoroso, ignorando-se totalmente a significação ou relevância do conhecimento assim produzido".²

Nos últimos anos, os cursos de mestrado, apesar das pressões da CAPES (Coordenação para o Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior) têm-se libertado, pelo menos parcialmente, da camisa-de-força que a política oficial está impondo. Entretanto, no campo da Filosofia, a europeização da temática ainda constitui um atraso na formação de um **pensamento brasileiro**.

Nas **Ciências Humanas** modelos metodológicos norte-americanos, inspirados no positivismo, ainda constituem impedimento para abordagens da **cultura brasileira e latino-americana**. Nós nos conhecemos muito pouco, quer do ponto de vista de nossa linguagem, quer da nossa psicologia ou da nossa filosofia.

Nossa principal fonte de conhecimentos é a **cultura do povo**. Cabe ao intelectual organizar, estruturar, sistematizar aquilo que o ho-

mem simples apenas sente. Mais do que a uma banca examinadora ou a uma agência de financiamento, o pesquisador precisa prestar conta a esse homem e à sua época.

Não se trata de rebaixar à **linguagem científica** ao senso comum. Trata-se de elevar o **senso-comum**.

Não existem conhecimentos tão complicados que apenas alguns poucos iluminados tenho eu capacidade de apreendê-los. O hermetismo nas ciências serve apenas para defender o interesse da dominação mantendo o conhecimento, o saber, distante das massas.

Como dizia Piaget: "todo conhecimento pode ser transmitido em linguagem simples. Se alguém não consegue fazê-lo é apenas porque ainda não o apreendeu suficientemente".

*
*
*

As idéias acima expostas podem ser perfeitamente ilustradas através de uma carta de Karl Marx:

"Concordo com sua idéia de publicar a tradução de 'Das Kapital' em fascículos. Desta forma, a obra será mais acessível à classe trabalhadora e para mim esse motivo sobrepuja qualquer outro.

Mas, além dessa vantagem, há que considerar o reverso da medalha: o método de análise que utilizei e que ainda não fora aplicado aos problemas econômicos torna bastante árdua a leitura dos primeiros capítulos, e é de temer que o público francês, impaciente por chegar às conclusões e ávido de conhecer a conexão entre os princípios gerais e as questões imediatas que o apaixonam, venha a enfasiar-se da obra por não a ter completa, desde logo, em suas mãos.

Contra essa desvantagem nada posso fazer, a não ser, todavia, prevenir e acautelar os leitores ansiosos por verdade. Não existe estrada real para a ciência, e só têm probabilidade de chegar a seus cimos luminosos aqueles que não temem enfrentar a cansaça para galgá-los por veredas escarpadas."

NOTAS:

(1) "Ciência, cientistas e política". in: Revista **Ciência e Cultura**, nº 30 (3), março de 1978, p. 305.

(2) **Para onde vai o barco**, 1979 p. 1, mimeo. O rigor não pode substituir a relevância do problema, caso contrário, os temas de pesquisa são escolhidos em função da possibilidade de serem tratados com rigor, ou, como acontece muitas vezes, em função da possibilidade de obtenção ou não de financiamento.